

A contracapa do futebol carioca: Caravana de Boleiros e os jogos que quase ninguém vê.

Profa. Dra. Leda Costa

NEPESS (Núcleo de estudos e pesquisas sobre esporte e sociedade – Universidade Federal Fluminense – Uniabeu)

É em um contexto de modernização das cidades que os esportes modernos se configuram. Nesse sentido, é importante mencionar que por *esporte moderno* compreende-se as práticas sistematizadas e que surgem em um contexto de industrialização e modernização das cidades europeias em que é notável a influência de higienistas e médicos com suas prescrições para a obtenção de um corpo saudável. Embora a palavra *Sport* já se faça presente no ocidente desde o século XV, é preciso deixar claro que a noção moderna que temos até hoje de esporte se configura no final do século XIX, no interior das escolas inglesas:

Os antigos esportes não eram codificados. Faziam parte da cultura aldeã tradicional ou então eram praticados por ocasião de acontecimentos excepcionais (...). Não se tinha necessidade de organizar competições regulares. Não existia classe especial de esportistas que tivessem recebido uma formação para jogos e fossem obrigados a manter a forma. Não havia tampouco rede nacional ou local de transporte, nem verdadeira imprensa esportiva. Reinava um fascínio geral pelos desempenhos extremos, mas não havia nenhum acordo estabelecido sobre o que devia ser o corpo atlético ideal (VIGARELLO e HOLT, 2008, 427).

Da Inglaterra os principais esportes modernos começam a chegar a outros países, o que dava mostras da eficácia da política inglesa de expansão dos mercados. No Brasil os esportes logo chegaram, sobretudo nas principais cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo. E pouco tempo após sua introdução foram tomados como símbolos de modernidade, sendo rapidamente apropriados como prática anexada aos ideais da elite da época. Nos anos iniciais de sua chegada ao Brasil – especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo – as principais formas de apropriação do futebol buscavam imprimir nessa prática esportiva uma imagem relacionada a valores típicos das parcelas sociais mais abastadas da sociedade. Em um período em que se ansiava pela modernização das cidades, o futebol – assim como outros esportes – foi visto como veículo civilizador e promotor de regeneração racial.

Nessa época, era muito comum que estudantes brasileiros, filhos de uma classe abastada fossem estudar na Europa e quando retornavam ao Brasil traziam incorporados à sua cultura novos costumes e hábitos na bagagem, como foi o caso de Oscar Cox¹ que quando terminou os estudos na Europa trouxe consigo para o Rio de Janeiro uma bola para a prática de um esporte que vinha sendo fartamente praticado na Inglaterra. Sendo assim, ser moderno significava, antes de tudo, seguir os padrões e hábitos europeus.

¹ Um dos fundadores do Fluminense, do Rio de Janeiro

Essa perspectiva relacionava-se diretamente a um contexto que ultrapassava a esfera esportiva. Nesse sentido é importante lembrar a influência do discurso médico-higienista que se fez presente no Brasil no final do século XIX e início do XX e que se refletiu nos discursos em torno das práticas corporais e esportivas. Como nos mostra Lilia Moritz Schwarcz a esfera científica no país, influenciada por algumas correntes Antropológicas, preocupava-se com o futuro do Brasil ancorando-se nas teorias da evolução social que no caso brasileiro “se viu diretamente associada ao problema da raça e de suas possíveis implicações” (2001, p.92).

Associado a questões de ordem racial havia questões de ordem social e nesse processo, os clubes esportivos exerciam função importante no mecanismo de conservação do esporte, entre os quais o futebol, como uma atividade típica de “grupos jovens da elite carioca” (PINTO, 2006, 73). Essa tentativa se tornou ainda mais clara com o gradativo surgimento de entidades responsáveis pela regulamentação e gerenciamento esportivo. No caso específico do Rio de Janeiro, destaca-se a fundação da Liga Metropolitana de Football, em 1907. Nesse mesmo ano, essa entidade esportiva teve seu primeiro estatuto aprovado, deixando claro nesse documento o “rigoroso esquema de seleção, haja vista que, a burocracia para a filiação era grande e, sobretudo, diretamente ligada a quantias em dinheiro, que de certa forma afastava os pequenos clubes” (Id, 77)

Nesse processo de manutenção do futebol como um espaço acessível a poucos, a imprensa teve papel importante ao endossar e por em circulação um discurso que interpretava o futebol como uma prática própria dos tempos modernos, e que, portanto seria capaz de servir de instrumento civilizador de um país como o Brasil. Para que o futebol pudesse desempenhar esse papel era necessário afastar dele, qualquer modo de fruição considerada inadequada a imagem elitizada de um esporte importado da Inglaterra. Daí a necessidade de representá-lo enquanto uma prática na qual deveria prevalecer o cavalheirismo – o *fair play* – em detrimento de qualquer manifestação violenta e, sobretudo, que o associasse a características populares. Não sem motivos, os clubes de futebol costumavam ser alvo da atenção da imprensa que costumava enfatizar os eventos sociais que neles ocorriam, fazendo disso uma espécie de: “celebração do ambiente elitizado do futebol (...) era habitual que os cronistas ressaltassem o ambiente cordial, a participação dos vencidos e vencedores, as presenças ilustres, as homenagens e discursos proferidos pelos representantes dos clubes e da imprensa” (SILVA, 2005, p.51).

Porém as tentativas de manter o futebol como uma prática restrita aos clubes da elite carioca não resistiram ao processo de popularização desse esporte. Se o estatuto de alguns clubes foram instrumentos eficazes na criação de barreiras ao acesso de negros e operários ao futebol, esse impedimento pode ser superado com a fundação de clubes que não seguiam essas mesmas diretrizes. Nesse sentido, é importante destacar as iniciativas de fundação de clubes em áreas pouco privilegiadas da cidade em termos concretos e simbólicos.

Clubes do subúrbio como o Mangueira, Riachuelo, entre diversos outros foram sendo formados e reconfigurando o futebol no Rio de Janeiro. Alguns desses clubes do subúrbio marcaram presença na história do futebol, como foi o caso do Bonsucesso, onde se formou Leônidas da Silva, do Madureira no qual jogou Jair da Rosa Pinto e do Bangu, fundado em 1904 por operários e donos da Fábrica de tecidos Bangu.

Mas o futebol se expandiu mais ainda chegando não apenas ao subúrbio carioca, mas também a área hoje denominada de Baixada Fluminense. Esse fenômeno é indicativo da força de popularização desse esporte e também de transformações que transcendem o território esportivo. Essa dinâmica tem sido observada nas pesquisas que tematizam a relação entre esporte e sociedade e que buscam demonstrar que as práticas esportivas são instrumento importante para a compreensão da sociedade em que estão inseridos.

Hoje em dia os clubes esportivos, especialmente os de futebol, estão longe de ter a representatividade da qual gozavam no início do século XX, no Rio de Janeiro. Os espaços dos clubes eram usados pelos sócios para a prática de esportes e também como espaço de lazer. Para ganharem força e reconhecimento perante a sociedade promoviam em suas dependências eventos sociais, como bailes e chás dançantes marcados por figuras importantes da sociedade, reafirmando o valor social e esportivo dos clubes. Como nos informa Rosa Maria Barboza de Araújo: “Os clubes proliferavam pela cidade, promovendo festas, eventos culturais e atividades esportivas. As famílias eram atraídas a frequentá-los através de anúncios que convidavam explicitamente para programas familiares” (ARAÚJO, 1993, p.336).

Em 1902 foram fundados no Rio de Janeiro os dois primeiros clubes com o objetivo de desenvolverem o futebol na cidade: o Rio Football Club e o Fluminense Football Club (SANTOS, 2010, 36). No início do século XX, os clubes tinham o importante papel de distanciar as elites das camadas sociais mais pobres da sociedade do Rio de Janeiro:

O papel dos clubes no início de século passado era de extrema importância. Serviu para estabelecer o distanciamento entre as elites e as camadas mais pobres da sociedade, ou seja, aqueles que compunham a diferença. Isso se dava, principalmente, a partir da criação de entidades, ligas ou associações, que visavam representar a sua elite fundadora, sobretudo, em seus valores pessoais de distanciamento social, bem como, destacar a superioridade de uma localidade sobre a outra, de um grupo sobre o outro e até mesmo de uma raça sobre a outra (SANTOS, 2006, 36-37).

Essa tentativa de restrição não partia apenas dos clubes, mas da própria Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) que desde sua fundação, em 1905, se esforçou para manter o futebol como uma prática de domínio exclusivo de poucos. Essa exclusividade se traduzia no esforço de manutenção do amadorismo, algo que perdurou até a década de 1930. Como entidade responsável pelas competições oficiais de futebol no Rio de Janeiro e pela regulamentação esportiva, a LMDT impunha regras de caráter excludente:

As restrições iam desde “[...] a participação nas atividades de esportistas profissionais e a proibição das apostas”, passando pelo não registro das “pessoas de cor” e o afastamento de trabalhadores que executavam atividades braçais. A ideia era a de manter, oficializar e organizar uma prática de acordo com conceitos propostos pelos clubes fundadores, todos pertencentes às classes alta e média da sociedade carioca, que davam ao futebol um status de uma tradição inventada e delimitada pelo amadorismo. Prática estrangeira, o futebol imprimia valores como o do “fair play”, do desenvolvimento “mens sana *in corpore sano*” e a percepção da prática como um divertimento dos rapazes e moças (MORAES, 2009, p. 65).

Os clubes por sua vez criaram estatutos, documentos que estipulavam regras e normas, para que cada vez houvesse mais distanciamento da elite e das classes mais pobres. Essa tentativa se fez notar em clubes de diversas modalidades esportivas como nos mostra Ricardo Pinto dos Santos: “(...) foi a partir da criação destas entidades que foram criados parâmetros, principalmente sob forma de estatutos, que dificultassem sobremaneira a possibilidade da entrada dos clubes e camadas mais pobres a este “seleto” grupo de desportistas” (2006, p.37)

Entretanto, por mais que os membros da elite buscassem tornar as práticas esportivas quase uma propriedade particular, os esportes e os clubes transcenderam os limites da zona sul e chegaram ao subúrbio carioca. Longe de ser um campo homogêneo, o esporte em seus momentos iniciais mostrou-se um campo de tensões entre interesses diversos. Nesse caso é importante não levarmos adiante a hipótese de que todas as restrições erguidas contra o acesso das classes populares aos clubes esportivos foram passivamente aceitas e acatadas. A dinâmica social mostra-se mais complexa, pois como Edward Thompson nos chama atenção:

(...) uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos (...). E na verdade o próprio termo 'cultura', com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (THOMPSON, 1987, p.61).

O que se pode perceber foi a crescente criação de clubes de futebol nos bairros da cidade considerados periféricos principalmente nos subúrbios do Rio. Tal fenômeno expressa a força do rápido processo de popularização desse esporte. Deixando de ser uma novidade, o futebol iria se expandir para outros bairros cariocas. Assim aconteceu com um grupo do bairro de Vila Isabel, que criou o Boêmios Futebol Clube, já no Méier fora criado o Club Atlético do Méier, todos próximos à malha ferroviária que daria mais prestígio ao clube fundado por ser o trem o melhor transporte nesse momento, (PEREIRA, 2000, p. 56).

Mas foi no distante subúrbio de Bangu, onde surgiu um dos clubes mais importante do Brasil, na época: “The Bangu Athletic Club”, que era mantido por uma indústria de tecido, a Companhia Progresso Industrial, e que teve importância significativa para a democratização do futebol no Brasil. O bairro de Bangu, antes da fundação da fábrica de tecido, era um pequeno vilarejo, porém com a instalação da fábrica no bairro, o seu desenvolvimento não tardou, o que

consequentemente acarretou melhorias, tais como: urbanização, eletricidade, calçamento, etc., pra si próprio e para os bairros adjacentes.

Diferentemente dos clubes da elite carioca, os do subúrbio impunham menos restrições para a adesão de sócios. Nesses clubes era possível associar-se pagando mensalidades mais acessíveis e, além disso, aceitavam operários e negros. Entretanto como demonstra João Malaia Santos, a notável proliferação dos clubes pelo subúrbio do Rio de Janeiro também demonstrava que:

Se não era possível se associar aos grandes clubes da cidade, como o Jockey Club ou outras associações do tipo, fazia-se o próprio clube. Dessa maneira os clubes de classe mais humilde das grandes cidades brasileiras, pareciam buscar uma aproximação com hábitos, práticas e vivências típicas da elite. Tentando essa aproximação, os clubes mais humildes buscavam produzir também seus próprios símbolos, símbolos que lhes conferissem algumas posições mais altas na escala social, na percepção desses indivíduos (2010, p.59)

As classes menos abastadas apropriaram-se a seu modo uma prática que durante algum tempo era restrita a elite. Eram muitos os clubes e associações que proliferavam pelo Rio de Janeiro como, por exemplo, blocos carnavalescos, clubes de samba, clubes de remo, de xadrez e muitos clubes de futebol. Entretanto, o fato de estarem no subúrbio não os fazia entidades necessariamente democráticas, pois como mencionado, embora de outras maneiras, os clubes suburbanos compartilhavam com os da zona sul, a tentativa de anexar aos seus sócios um *status* diferenciado. Seus estatutos embora menos restritivos, contavam com normas rígidas de adesão:

As agremiações têm regras para a admissão de pessoas, seus direitos e permanência dos sócios, como mecanismos bastante claros de controle dos associados (...). Dentro do clube havia diferença entre os associados, assim como havia diferenças sociais no mundo cotidiano. “Essas diferenças também eram definidas pelo critério econômico” (SANTOS, 2010, p.69).

Muitos desses clubes se formavam à margem dos transportes públicos como, por exemplo, os trens. O Bangu é um exemplo desse caso. Assim como os clubes da zona Sul, os do subúrbio também serviram como espaço de lazer abrigando eventos como chás dançantes, blocos de carnaval, desfiles de modo e uma série de outras atividades. Esses espaços representaram entidades que são fruto do processo de esportivização da cidade do Rio de Janeiro e também da gradativa importância atribuída ao lazer “O convívio social fora de casa seduzia a família, dando a ela um caráter mais cosmopolita. O lazer em comum era entendido como uma extensão natural da vida doméstica e não como uma atividade supérflua, fazendo parte integrante do cotidiano familiar” (ARAÚJO, 1993, p.339).

Hoje em dia muitos desses times nem existem mais, e os que ficaram se desdobram para se manterem vivos. Muitos desses chamados pequenos fazem parte não apenas da minha, mas da memória efetiva de diversas pessoas. Não se trata nenhum tipo de ideal nostálgico, ao estilo “antigamente era melhor”. Seria simplista demais dizer isso, além de equivocado.

Pensar nos “pequenos” não significa a tentativa de glorificá-los apenas ou agir como uma espécie de turista que se compraz em lançar um olhar que busca o exótico. Mas trata-se de pensar qual lugar é por eles ocupado em um contexto atual altamente mercadorizado e, portanto, restrito do futebol brasileiro. Cabe também indagar um pouco mais sobre os significados dessa frase: “o Brasil é o país do futebol”.

Pois afinal de contas de qual futebol estamos falando?

Partindo dessa pergunta criamos o Caravana de Boleiros (<http://caravanadeboleiros.blogspot.com.br/>) com objetivo de documentar a visita a diversos jogos dos chamados times “pequenos”. Foram diversos os clubes visitados, mas por economia de espaço serão destacados, e brevemente descritos neste trabalho, apenas dois: Bangu e Nova Iguaçu, o primeiro do subúrbio carioca e o segundo localizado na Baixada Fluminense.

O Bangu, vivendo de passado

Em 1904 nasceu o Bangu, ou melhor, The Bangu Athletic Club, fundado por ingleses donos da Fábrica de Tecidos Bangu. Sendo assim, evidenciava-se a importância do futebol para o aumento de pertencimento à comunidade da empresa, que passou a incentivar a prática desse esporte entre seus empregados e operários:

A direção da fábrica passava a subsidiar as atividades do clube; por exemplo, cedendo um terreno de propriedade da empresa para a instalação do campo de futebol e a construção da sede social ou, então, contribuindo para o pagamento de aluguéis. Mensalmente, ela oferecia ao clube uma quantia em dinheiro, a fim de complementar seu orçamento, que incluía despesas com conservação e limpeza da sede social e do campo, pagamento de impostos, energia elétrica, limpeza dos uniformes, transporte de jogadores e outras. Quanto ao material esportivo, a fábrica poderia fornecer desde as camisas até a bola e as chuteiras (ANTUNES, 1994, p. 105).

Paralelo ao terreno dessa fábrica foi construído o campo onde o time do Bangu jogou até o final da década de 1940. A fábrica encerrou suas funções em 2004 e em 2007 seu prédio passou a abrigar um shopping. Há nesse shopping diversas referências à antiga fábrica e ao time do Bangu, como por exemplo, a foto da planta da fábrica na qual consta a presença do Estádio da Rua Ferrer, cujas arquibancadas chegaram a pegar fogo em 1936, sendo reconstruídas em 1937.

O campo da Rua Ferrer foi vendido e o Bangu, em 1947, inaugurou o Estádio de Moça Bonita. No livro, *O negro no futebol brasileiro*, Mário Filho dá atenção ao Bangu e seu pioneirismo em ter um jogador mulato em seu quadro. Antes do Vasco, o Bangu já tinha um jogador mulato. Esse jogador era Francisco Carregal, um tecelão da fábrica, que aparece no centro da foto abaixo mostrada. Carregal ao centro da foto segurando uma bola com as iniciais BAC e com a data impressa (primeiro o ano, depois o mês, seguidos do dia)

Sobre Carregal, disse Mário Filho:

No domingo dava seus pontapés na bola, corria em campo molhando a camisa, na segunda-feira cedinho, quando o portão da fábrica se abria, lá estava ele. Ia para os teares como os outros operários, trabalhava, trabalhava, só parava na hora do almoço para voltar, depois, até às quatro horas. Nem tinha tempo de lembrar do jogo da véspera (FILHO, 1947, 22)

Um dos grandes nomes da história do Bangu foi ninguém menos que Domingos da Guia, tão importante que é mencionado no hino do clube “O Bangu tem também a sua história a sua glória, enchendo seus fãs de alegria. De lá, pra cá, surgiu Domingos da Guia (...)”² A década de 1960 foi uma época gloriosa, nela o Bangu foi campeão do torneio de Nova York, vitória interpretada como a conquista de um campeonato mundial.

A década de 1980 também foi importante para o Bangu que chegou à final do Brasileiro, perdendo a taça para o Curitiba. Nessa época é marcante a presença do bicheiro Castor de Andrade, tão marcante que a figura do castor chegou a constar na camisa do time. Hoje em dia as referências a Castor de Andrade são várias especialmente entre os torcedores como se faz notar na torcida “Os Castores”, localizada atrás do gol à direita das sociais. Outra referência importante pode ser vista na cantina do clube onde podemos nos deparar com a frase escrita em letras gigantes e vermelhar de autoria de Castor de Andrade “Culpados são os que se escondem e não aparecem na hora precisa. Castor de Andrade. 1990.”

O Bangu, assim como outros clubes, sofre com a ausência de verbas e sofre as consequências de um futebol espetacularizado feito para poucos, restando-lhe o passado como recompensa e conforto, passado representado na frase de Castor exposta na sede do clube, acompanhada da foto dos times campeões em 1933 e 1966. Porém, mesmo com a longa ausência de títulos os torcedores marcam presença nos jogos do Bangu. É na praça Guilherme da Silveira, localizada em frente ao estádio, que alguns desses torcedores costumam se reunir e antes do jogo fazem um churrasco. Ali se reúne, por exemplo, os integrantes da BANGORÓ, capitaneados por seu Nilson um senhor de cabelos brancos. Seu Nilson nos disse que mesmo sem jogo, o pessoal da Bangoró costuma se reunir porque segundo ele a “Bangoró é mais que uma torcida, é uma família”. De fato a aparência de família se torna mais forte quando avistamos camisas da Banguaraná, uma versão da torcida cujo público-alvo são as crianças.

Havia também a presença das chamadas torcidas de alento com seus trapos e barras, como é o caso da já mencionada torcida “Os Castores”, formada em sua maioria por jovens, e que levam faixas com frases como “nada tememos somos de Bangu”. Mas além deles outras torcidas também estavam presentes como, por exemplo, a “Super Bangu” localizada nas arquibancadas em frente às sociais. Nessa mesma arquibancada uma faixa chamava atenção: “Estádio já”. O estádio do Bangu precisa de fato de algumas reformas, sobretudo, no gramado. Os refletores até funcionam, mas sua

² onte: <http://omundodofutebolporbrunolopes.blogspot.com.br/2011/04/o-mestre-da-zaga-domingos-da-guia.html>

luz é fraca, o que inviabiliza jogos à noite. Refletores são fundamentais, a um estádio somente assim não se fica refém de horários como 15h30 ou 16h e pode-se desfrutar de jogos noturnos, que possibilitam públicos maiores que irão certos de que não fiarão em baixo de um sol escaldante.

Além de torcedores que aparentemente são movidos pelo “pertencimento clubístico” (DAMO, 2007) ocorre um fenômeno bastante comum nos jogos dos chamados “pequenos”: a grande presença de familiares de jogadores. Em Bangu, por exemplo, encontramos com uma senhora que portava o pôster de um rapaz vestido com camisa da seleção brasileira. Tratava-se da tia de Wilen jogador que tem contrato com o Vasco e está emprestado ao Bangu. Willien já jogou pela seleção brasileira Sub-17, sendo companheiro de Neymar. Sua tia e tio estavam na arquibancada esperando o momento em que Willen, na reserva do time, entraria em campo.

E como toda identidade torcedora precisa de uma alteridade, no caso do Bangu esta é representada pelo Clube Ceres, também localizado na Rua Ceres, também em Bangu. Quando o time não joga bem é comum se ouvir “isso aqui não é o Ceres não” ou quando algum jogador está desagradando, costuma-se gritar “vai jogar no Céres”. O Céres, fundado em 1933 – ano em que o Bangu foi campeão – está na segunda divisão do Campeonato Carioca e, em 2013, chegou a ser desclassificado por falta de jogadores inscritos na competição. Seu estádio, o Joao Francisco de Brito, costuma ter seus portões fechados, sendo considerado impróprio para a presença de público. Bangu x Ceres se confrontaram apenas duas vezes, em jogos válidos pela segunda divisão do campeonato carioca, em 2008.

Já o Bangu, em 2014, consegui permanecer na primeira divisão, que foi uma espécie de presente no ano em que completa 114 anos.

Do Subúrbio à Baixada: Nova Iguaçu e o Laranjão

Assim como no Rio de Janeiro, a história do futebol na Baixada certamente se insere em um contexto mais amplo, de mudanças pelas quais esse território passava. Uma dessas mudanças refere-se, por exemplo, a construção da estrada de ferro D. Pedro II, inaugurada em 1858, e durante algum tempo foi a principal via de transporte da Baixada ao Rio de Janeiro e vice-versa. Primeiramente chegando à estação Benedito Ottoni, em Queimados, e logo depois a Estação Belém, em Japeri (SIMÕES, 2011, p.118). A grande região hoje conhecida como Baixada, durante muito tempo foi um lugar de passagem e esvaziado em termos populacionais. Esse cenário somente começa a mudar no final do século XIX e início do XX, época em que se dá início o plantio de laranjas e o início do loteamento de áreas para ocupação popular (Id, p.119).

Em 1880, é inaugurada outra ferrovia que corta as terras da Baixada Fluminense, a Estrada de Ferro Rio D'Ouro. Ao redor dessas rodovias foram se constituindo núcleos espontâneos em torno das estações ao longo da ferrovia (2006, p.36). Ao lado de cada estação, casas iam-se dispondo

espontaneamente, algumas lojas surgiam, uma pracinha tomava forma e aos poucos iam crescendo esses aglomerados que, de início, tinham uma forma longitudinal, alinhando-se às margens dos trilhos, para só depois crescerem num sentido transversal à linha férrea (SOARES apud RODRIGUES, 2006, p.36).

As ferrovias e os meios de transporte foram importantes para a ocupação da cidade assim como seu desenvolvimento. Vários foram os clubes da cidade do Rio de Janeiro que ficavam próximos às estações ferroviárias demonstra Hugo Moares:

A zona norte foi uma região que sofreu um considerável aumento populacional com a ocupação de espaços para atividades de lazer. Clubes como o São Cristóvão A.C. e o Rio de Janeiro utilizavam o campo da Rua Figueira de Melo em São Cristóvão; o Confiança, o campo da Rua Gen. Silva Telles, no Andaraí; o Mackenzie, o Metropolitano e o Engenho de Dentro, no campo da Rua Dias da Cruz, no Méier.

Outros campos eram localizados próximos às estações ferroviárias, como o do Americano F.C. - perto da Estação Riachuelo; o do River e o Tijuca, no campo da Rua João Pinheiro, próximos à Estação da Piedade; o Bonsucesso, no campo da Rua Urano, próximo a Estação de Bonsucesso; o Progresso, no campo da Rua João Rodrigues, na Estação de S. Francisco Xavier; o Ipiranga e o Modesto no campo da Rua Goiás, Estação de Quintino Bocaiúva (2009, p.75).

A mesma lógica pode ser observada na trajetória do futebol na Baixada. A sede de um dos mais importantes clubes dessa localidade, o Mesquita Futebol Clube, fica muito próximo à estação ferroviária, o que se relaciona à facilidade de acesso promovida pelo trem. Também próximo a Estação Ferroviária localiza-se o Queimados Futebol Clube fundado em 1922 e que hoje em dia, disputa a série C do Campeonato carioca. Mais do que atividades esportivas, muitos desses clubes representavam espaços de lazer para a comunidade em torno. Abrigavam chás dançantes, batizados e festas de carnaval. Atualmente esse tipo de papel continua e vários clubes esportivos alugam suas sedes não mais para chás dançantes, mas para shows de música que vão do pagode ao Funk.

Na década de 1950, alguns campeonatos amadores da Baixada chegaram a receber alguma atenção da imprensa carioca, especialmente do Jornal dos Sports. Na coluna intitulada “Esportes em Nilópolis”, esse periódico esportivo – o mais importante da época – informava sobre os principais resultados da semana envolvendo os clubes da Baixada. Em uma dessas reportagens o Jornal dos Sports comenta que “dois clubes de grande projeção não disputarão em Nilópolis o certame deste ano. Sendo verídica esta notícia o campeonato local muito sofrerá em sua expressão” (09-05-1951). O campeonato contava com clubes como Frigorífico Iguaçu, Vasco da Gama Nilopolitano, Central de Nilópolis, Huracan, Flamengoinho. Na edição do dia 09/05/1951, o Jornal dos Sports anuncia a realização do “Fla-Flu Nilopolitano”. A menção feita pelo Jornal dos Sports explica-se em primeiro lugar por se tratar de uma publicação esportiva que tinha como proposta fazer uma cobertura mais ampla possível dos esportes no Rio, não se restringindo aos clubes mais consagrados. Entretanto, também pode indicar algum tipo força da liga da Baixada no cenário esportivo carioca.

Recentemente alguns clubes de futebol da Baixada Fluminense têm chamado atenção. Em 2007, o Duque de Caxias dois anos após sua fundação já disputava a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. Em 2008, o Nova Iguaçu, fundado em 1990, ocupou as primeiras páginas esportivas ao ser campeão da Taça Rio, garantindo sua presença na final do Campeonato Carioca daquele ano. O Nova Iguaçu seguiu sendo clube conhecido não apenas pela cor laranja de seu uniforme, mas por sua forte categoria de base que revela jogadores que são posteriormente contratados por outros clubes cariocas ou de fora. E como veremos o clube ainda nos dias de hoje leva essa tarefa, da qual se orgulha claramente, a sério.

O Laranjão, a torcida e o clube

O jogo visitado foi Nova Iguaçu x Boa Vista, válido pelo campeonato carioca deste ano de 2014. Logo na chegada ao estádio encontramos a torcida adversária, a do Boa Vista, com quem conversamos por alguns minutos, especialmente com Naniara, uma das líderes da torcida Império Bicolor. Líder da torcida não apenas feminina, mas segundo seus colegas da torcida como um todo. É de se destacar o papel desempenhado por Naniara em um território tão marcadamente relacionado a valores considerados como masculinos. Essa relação é visível nas propagandas, no mercado consumidor futebolístico e até mesmo no próprio canto das torcidas.

As torcidas organizadas do Nova Iguaçu e do Boa Vista estavam próximas, antes do jogo, o que indica uma convivência pacífica. Ambas somente se separaram dentro do estádio, conhecido como laranjão. Na terra dos laranjais surgiu o Laranjão que tem como nome oficial Estádio Janio Moraes (que é o nome do presidente do clube, desde sua fundação). O estádio fica localizado bem próximo da Via Dutra, assim como da Via Light, o que facilita o acesso de carro. Mas por outro lado, o Estádio fica um tanto longe da estação do trem, sendo necessário que se pegue um ônibus ou uma van que passe próximo ao estádio.

Bem ao lado do estádio fica o Aeroclube de Nova Iguaçu fundado na década de 1940 – época em que chegou a ter uma escola de pilotagem – e que hoje em dia abriga alguns eventos da Associação de Aeromodelismo de Nova Iguaçu. O estacionamento é aberto podendo-se deixar o carro em frente ao estádio sem ter que pagar R\$20 como ocorre em São Januário, por exemplo. Não sei dizer se isso ocorre em todo jogo ou se foi sorte nossa...

Nesse jogo, Nova Iguaçu x Boa Vista, segundo a súmula disponibilizada no site da Federação Carioca, foram 706 pagantes, mais 266 não pagantes. Um bom público, se levarmos em conta a capacidade total do estádio que é de 3000 pessoas, capacidade segundo informações também fornecidas pela página da FERJ ³. As arquibancadas estavam completamente forradas com as antigas cadeiras do Maracanã. A estranha distribuição de arquibancadas, a falta de refletores –

³ (http://www.fferj.com.br/_arquivos/documentos/fl1d527c03c0bd4c386ca748af5f96f70.pdf)

mesmo sabendo que são caros, mas não impossíveis de possuir -, além do aspecto inacabado do estádio, deixaram impressão de que receber partidas de futebol é uma questão meramente formal para o clube.

Para um estádio construído em plenos anos 2000, o Laranjão parece incrivelmente antigo, não em termos de conservação, mas em termos de projeto. É interessante perceber que quase não há imagens do estádio no site oficial do Nova Iguaçu, o que causa certo estranhamento já que estádios são locais simbolicamente importantes para um clube de futebol. No site oficial do clube dá-se total destaque ao que se denomina de “Melhor infraestrutura do Rio!” (www.nifc.com.br). Quando clicamos no link “conheça o clube” vemos fotos da quadra poliesportiva, da piscina, do salão de jogos, da sala de odontologia, etc.

E isso é fácil de explicar porque o Nova Iguaçu Futebol Clube orgulha-se antes de tudo de ser um “dos maiores formadores de jogadores segundo a CBF” (www.nifc.com.br). E de fato o clube possui uma conhecida parceria com a Traffic Sports, empresa que participa de modo direto da negociação de jogadores de futebol no Brasil. Não sem motivos na sede do clube há fotos de jogadores nas quais eles aparecem duplicados, sendo que em uma imagem eles surgem realizando jogadas, vestidos com a camisa do clube Nova Iguaçu e em outra aparecem vestidos com a camisa de algum clube “grande” para onde foram vendidos.

Embora o Estádio não pareça ser um espaço relevante há de se destacar que ele é bem tratado, com gramado razoável e com placar que eletrônico. Chama atenção a visível preocupação com a ordem e segurança dentro do estádio. Por isso, ao longo das arquibancadas alguns rapazes do apoio – seguranças digamos assim – tomam conta do público, não permitindo, por exemplo, que os espectadores ficassem debruçados sobre o ferro que separava as arquibancadas do fosso.

Não há quase nenhuma parte coberta no estádio. Quase nenhuma porque, a parte coberta pertence à tribuna de imprensa, parte de estádio que recebe esse nome porque não há outro a ser dado. Afinal a “tribuna” se reduz a uma espécie de laje coberta, pequena com a qual algumas equipes de filmagem dividem espaço com uma caixa d’água.

Havia nas arquibancadas uma incrível atmosfera de familiaridade no ar. O público parecia ser formado por vizinhos e parentes dos jogadores, principalmente no que diz respeito à partida preliminar, um jogo que envolvia a categorias de base do Nova Iguaçu. Mas havia também as chamadas torcidas organizadas. Fomos, aliás, recebidos por uma: a Garra Iguaçuana que pediu uma foto. No segundo tempo do jogo a Garra Iguaçuana entrou no estádio. Mas antes da Garra Iguaçuana, o canto esquerdo do estádio já estava ocupado pelos componentes da Torcida Organizada Manguaçu cujo bandeirão cobria uma das entradas do estádio.

Referências Bibliográficas

- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: Formação de Futebolistas no Brasil e na França*, ANPOCS, São Paulo, 2007.
- FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947.
- MORAES, Hugo. Jogadas Insólitas: Amadorismo e Processo de Profissionalização no Futebol Carioca. (1922-1924). Dissertação de Mestrado. Escola de Educação, UERJ, Orientadora: Prof^a. Dr^a Helenice Aparecida Bastos Rocha, 2009.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda - *FootballMania – uma História social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RODRIGUES, Adrianno Oliveira – *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90. s): economia e território em processo*. Adrianno Oliveira Rodrigues. Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.
- SANTOS, Ricardo Pinto. *Uma Breve História Social do Esporte no Rio de Janeiro*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória Social dos Esportes. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia - *Revolução Vascaína: A profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915 – 1934)*. Tese de Doutorado. Departamento de História. Universidade de São Paulo, 2010.
- SIMÕES, Manoel. *Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita: Editora Entorno.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1987.
- VIGARELLO, Jorge. HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: Corbain, Alain (org.). *História do Corpo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- SCHWARCZ, Lilian Moritz *O Espetáculo Das Raças - Cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.